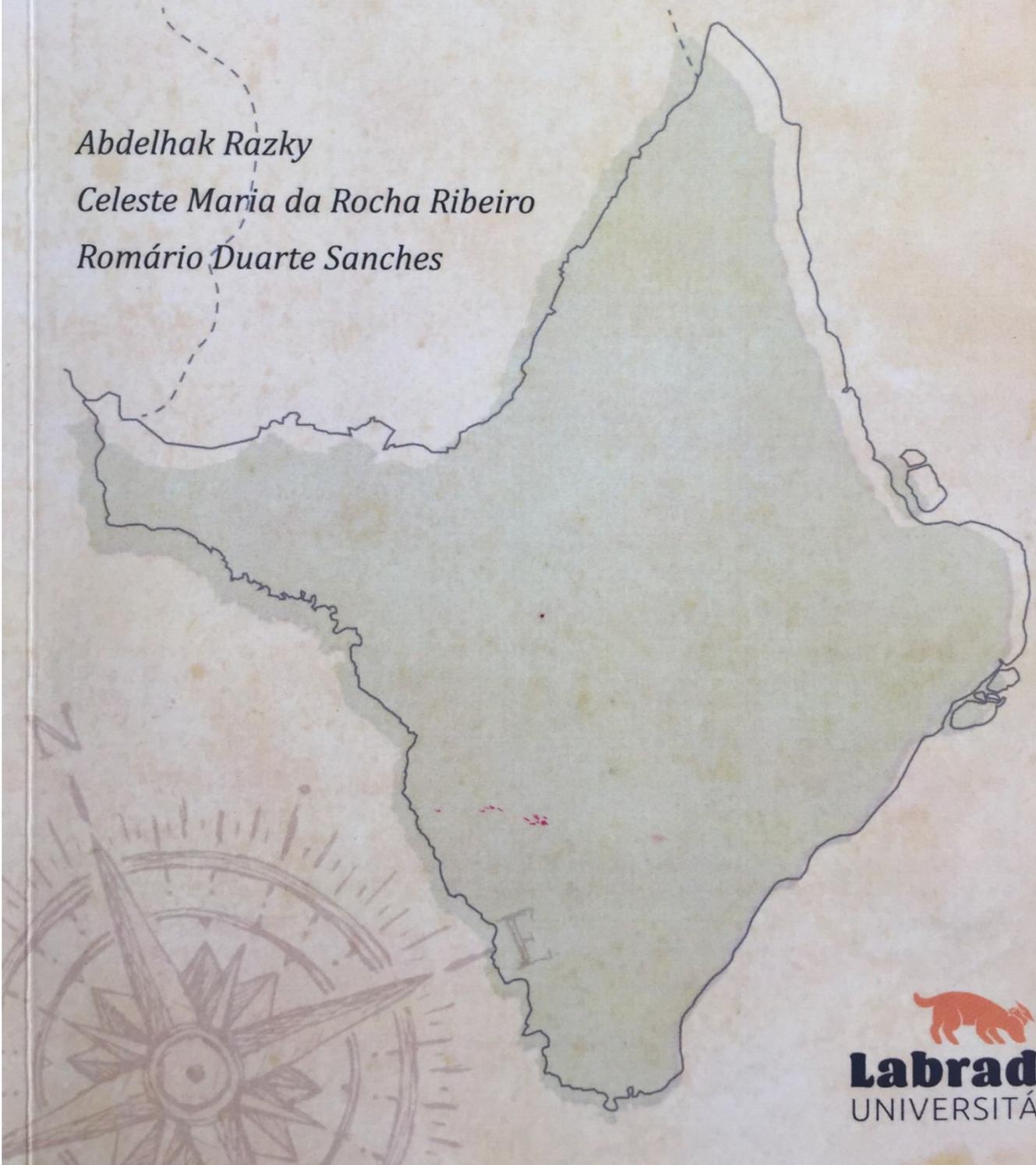


ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

Abdelhak Razky

Celeste Maria da Rocha Ribeiro

Romário Duarte Sanches




Labrador
UNIVERSITÁRIO

Copyright © Abdelhak Razky; Celeste Maria da Rocha Ribeiro;
Romário Duarte Sanches

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Labrador.

Coordenação editorial

Beatriz Simões Araujo

Projeto gráfico, diagramação e capa

Maiane de Araujo

Revisão

Perfekta Soluções Editoriais

Fernanda Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Razky, Abdelhak

Atlas linguístico do Amapá / Abdelhak Razky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro,
Romário Duarte Sanches. — São Paulo : Labrador, 2017.

286 p. : il., color

Bibliografia

ISBN 978-85-93058-23-3

1. Linguística 2. Levantamentos lingüísticos - Amapá 3. Antropologia linguística -
Amapá 4. Geografia linguística - Amapá I. Título II. Ribeiro, Celeste Maria da Rocha
III. Sanches, Romário Duarte

17-0779

CDD 469.798

Índices para catálogo sistemático:

1. Levantamentos linguísticos - Amapá

Editora Labrador

Rua Dr. José Elias, 520 – sala 1 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

Telefone: +55 (11) 3641-7446

Site: <http://www.editoralabrador.com.br/>

E-mail: contato@editoralabrador.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação
indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
O Estado do Amapá.....	13
Os Municípios de Pesquisa.....	21
Metodologia.....	35
Cartas Introdutórias	49
Cartas Fonéticas	55
Cartas Lexicais.....	73
Cartas Estratificadas.....	221
<i>Referências</i>	283
<i>Agradecimentos</i>	285

Prefácio

É com enorme e tríplice alegria que vejo vir à luz o *Atlas linguístico do Amapá-ALAP*: primeiro, por constatar que a Geolinguística no Brasil está dando frutos continuamente; segundo, porque em mais uma região geográfica vão sendo, pouco a pouco, preenchidas as lacunas provocadas pela ausência de trabalhos geolinguísticos; e, terceiro, por ter a honra de apresentá-lo à comunidade científica e aos demais leitores.

Desde que Nascentes, Silva Neto e Celso Cunha concentraram esforços disseminando por todos os cantos a necessidade da construção de um atlas linguístico do Brasil e, igualmente, a importância de elaborar atlas regionais ou estaduais, vimos acender a chama da Geolinguística em vários pontos da nação: Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pará, Mato Grosso do Sul, Ceará, Amazonas, Pernambuco, Amapá, Alagoas, Maranhão, Tocantins, Espírito Santo e Rondônia, que têm seus atlas publicados, finalizados ou bem consolidados. Além desses, há outros projetos em vários estágios de desenvolvimento nos demais estados. Muitos desses atlas ou projetos de atlas se inspiraram na metodologia do *Atlas linguístico do Brasil* que, desde 1996, vem se desenvolvendo com a contribuição de pesquisadores das mais diversas universidades brasileiras. O *ALAP* não ficou imune a essa influência e adotou os princípios teórico-metodológicos do ALiB.

O *ALAP* tem uma história muito interessante: não nasceu de trabalho acadêmico de pós-graduação, como ocorreu com alguns, como o *Atlas linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) e o *Atlas linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2002); também não é obra de apenas uma

instituição, como o *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963) e o *Esboço de um atlas de Minas Gerais* (ZÁGARI, M. et al. 1977), mas nasceu do trabalho conjunto de um docente da Universidade Federal do Pará e de uma equipe da Universidade Federal do Amapá. Não foi uma ideia que surgiu e logo se apagou diante dos riscos e das adversidades normais que cercam trabalhos dessa natureza, nem se esvaiu em razão de interesses obscuros de pesquisadores, mas veio de forma consciente, bem estruturada e finalizada em um prazo relativamente curto, se considerarmos a duração de projetos semelhantes.

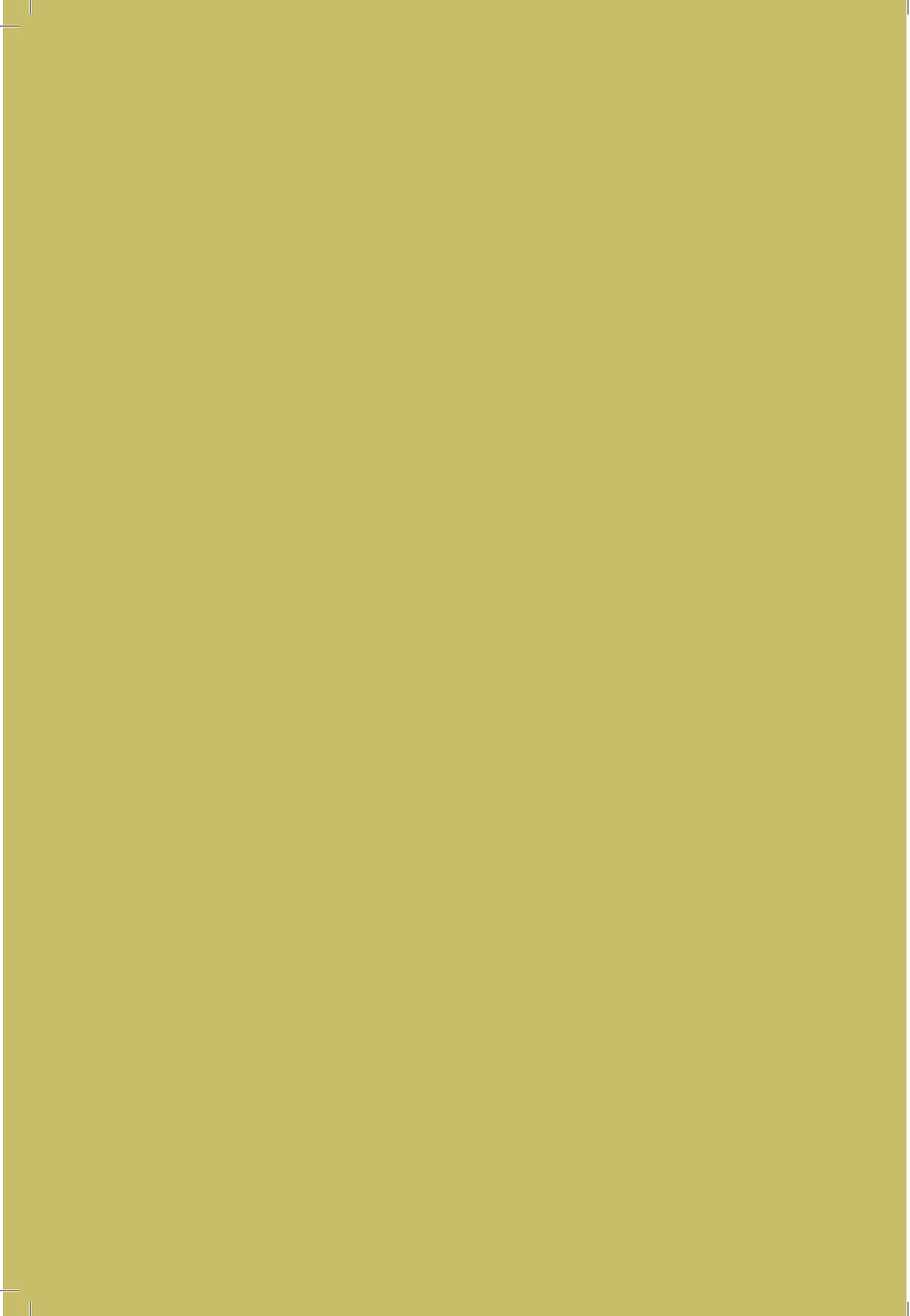
Seu diretor, nosso querido colega e amigo Razky, logo que chegou ao Brasil e se estabeleceu na Universidade Federal do Pará, sentiu que havia muito o que fazer na área da Geossociolinguística com as fontes de dados ainda intocáveis da região Norte do país. Foi assim que, durante o período de Carnaval do ano de 1997, nos convidou para ministrar um curso para seus alunos com a finalidade de incentivá-los para as pesquisas regionais e sociais. Daquela semente, mediante o cuidado do semeador Razky e de sua equipe, nasceram o ALisPa e o ALiPa. Não satisfeito, Razky sentiu que poderia ir mais longe e foi para o estado vizinho do Amapá levar a sua competência e obstinação.

O *Atlas linguístico do Amapá* é, pois, uma realidade. Elaborado com todo o rigor científico, compõe-se de 16 cartas fonéticas que expõem a unidade e a diversidade dos principais fatos fonético-fonológicos que caracterizam os falares do Norte, tais como a realização das vogais médias pretônicas, do /S/ em coda silábica, dos ditongos decrescentes e da nasal palatal, entre outros. Na sequência, estão 73 cartas lexicais que exploram as denominações atribuídas a itens da natureza física, da flora, da fauna, dos artefatos, das partes do corpo, entre outros e, finalmente, 30 cartas que tratam das diferenças diastráticas, relativas às variáveis sexo e faixa etária.

Nesta oportunidade, cumprimento seus autores, Abdelhak Razky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro e Romário Duarte Sanches, e lhes desejo, bem como a todos os seus colaboradores, muito sucesso e os parabéns pela realização de uma obra da qual não só o estado do Amapá irá se orgulhar, mas toda a academia dos dialetólogos, geolinguistas e sociolinguistas do Brasil.

Carinhosamente,

Vanderci de Andrade Aguilera



Introdução

Pode-se dizer que os estudos de cunho geossociolinguístico apresentam dois momentos distintos na história das pesquisas dialetais no Brasil: um pré-Atlas linguístico do Brasil – ALiB e outro pós-Atlas linguístico do Brasil. Certamente, após o lançamento do Projeto ALiB em 1996, houve um aumento significativo de publicações de atlas regionais e estaduais por todo o país. Somados a esses, encontra-se um crescente acervo de teses, dissertações e artigos científicos cujos índices refletem a ampliação dos estudos geolinguísticos e a atividade plena da Dialetologia no Brasil que a cada dia vem ganhando espaço, expandindo-se e conquistando novos simpatizantes.

Todo o conjunto de atlas publicados, em andamento, além das pesquisas espalhadas em todas as universidades pelo país, evidenciam essa produtiva jornada que data de 1826 com o trabalho de Domingos Borges de Barros e Visconde da Pedra Branca que produziram uma espécie de glossário, em que mostravam algumas características das palavras da Língua Portuguesa em terras brasileiras, destacando algumas interferências do contato linguístico com as línguas indígenas.

Em 1963, é publicado o primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos – APFB*, de Nelson Rossi, que impulsionou o lançamento de outros por todas as regiões do país. Na região Norte, até o momento, há dois publicados, o *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará – ALISPA* e o *Atlas linguístico do estado do Amazonas – ALAM*. Encontram-se em fase de realização os atlas dos estados do Acre e Rondônia, e agora soma-se ao grupo dos publicados o *Atlas linguístico do estado do Amapá – ALAP*.

Assim, é com grande satisfação que apresentamos à comunidade amapaense esse acervo linguístico que permite a visualização de um

panorama da realidade linguística do Amapá, buscando contribuir para o entendimento mais coerente da língua e de suas variantes, visando também eliminar a visão distorcida que tende a privilegiar uma variante apenas e estigmatizar as demais, em que predominam somente as variantes preconizadas pela variedade culta, causando, segundo Cardoso (2010, p. 169), “consideráveis prejuízos ao ensino-aprendizagem da língua materna”.

Além de que um atlas linguístico regional permite um conhecimento mais detalhado e circunstanciado do local que focaliza, explicitando variantes que, muitas vezes, são realizações peculiares ligadas à origem do lugar e à de seus moradores, refletindo que língua e cultura se juntam na história de vida das pessoas, de um lugar, de uma região e até de um país.

Assim, acredita-se que o *ALAP* cumprirá esse papel, contribuindo, sobretudo, para que se efetive um ensino pautado na variação linguística, visto que, com o conhecimento da realidade linguística regional, o professor torna-se mais capacitado para identificar parâmetros e peculiaridades sociais e geográficas da língua que estejam em consonância com os usos locais, os quais lhes servirão de modelo no processo ensino-aprendizagem da língua materna.

No entanto, vale lembrar que, de forma ampla, um atlas linguístico consiste em um conjunto de mapas que registram as diferentes variações por que passa uma língua: fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas, discursivo-pragmáticas. Seja qual for a finalidade do atlas, seu foco toma por base as evidências que caracterizam as realizações da língua viva, de uso real, preservando os dialetos e as manifestações características de uma região, os quais, muitas vezes, são ameaçados pela propagação exacerbada da variedade culta da língua.